Os
Contos de
Beedle,
o Bardo
J.K.Rowling

Os
Contos de
Beedle,
o Bardo
J.K.Rowling

Os
Contos de
Beedle,
o Bardo
Traduzidos das runas originais
por Hermione Granger
DE
J. K. Rowling
children's
HIGH LEVEL GROUP
Rocco

SUMÁRIO

Introdução xi

3

O CORAÇÃO PELUDO DO MAGO 43

4

BABBITTY, A COELHA,

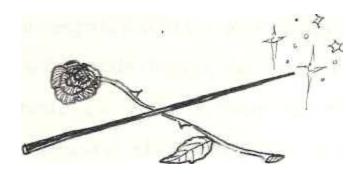
E SEU Toco GARGALHANTE 61

5

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS 85

Uma mensagem pessoal da baronesa

Nicholson of Winterbourne,

membro do Parlamento Europeu 105

Introdução

Os contos de Beedle, o Bardo é uma coletânea de histórias populares para jovens bruxos e bruxas, contadas há séculos à hora de dormir, daí serem o "Caldeirão Saltitante" e a "Fonte da Sorte" tão conhecidas de muitos alunos de Hogwarts quanto "A gata

borralheira" e "A bela adormecida" das crianças trouxas (não-mágicas).

As histórias de Beedle se assemelham aos nossos contos de fadas sob muitos aspectos; por exemplo, a virtude é normalmente premiada e o vício castigado. Apresentam,

porém, uma diferença evidente. Nos contos de fadas trouxas, é comum a magia estar na raiz dos

problemas do herói ou da heroína — a bruxa malvada envenenou a maçã, ou fez a princesa mergulhar em um sono de cem anos, ou transformou o príncipe em uma fera horrenda. Nos Contos de Beedle, o Bardo, ao contrário, encontramos heróis e heroínas que, embora capazes de realizar mágicas, descobrem que lhes é quase tão difícil resolver seus problemas quanto o é para nós, trouxas. As histórias de Beedle ajudaram gerações de pais bruxos a explicar este

doloroso fato da vida aos seus filhinhos: a magia tanto causa dificuldades quanto as resolve.

Outra notável diferença entre estas fábulas e suas

correspondentes trouxas é que as bruxas de Beedle são muito mais ativas quando se trata de partir em busca da fortuna do que as heroínas dos nossos contos de fadas. Asha, Altheda, Amata e

Babbitty, a Coelha, são mulheres que tomam o destino em suas

próprias mãos, em vez de tirar um longo cochilo ou esperar que alguém lhes devolva o sapatinho perdido. A exceção à regra — a donzela sem nome de "O coração peludo do mago" — age de modo semelhante ao de uma princesa de conto de fadas, mas o conto não termina com o habitual "e viveram felizes para sempre".

Beedle, o Bardo viveu no século XV, e grande parte de sua vida permanece envolta em mistério. Sabemos que nasceu em Yorkshire, e a única xilogravura que chegou até nós mostra que ele usava uma barba

excepcionalmente luxuriante. Se suas histórias refletem com fidelidade suas opiniões, ele inclusive gostava de trouxas, e os considerava mais ignorantes do que malévolos; desconfiava da magia negra, e acreditava que os piores excessos da bruxidade decorriam de suas características demasiado humanas de crueldade, apatia ou arrogante desperdício dos próprios talentos. Os heróis e heroínas que saem vitoriosos em suas histórias não são os que têm a magia mais poderosa, mas os que demonstram maior bondade, bom-senso e inventividade. Um bruxo dos tempos modernos que defendeu

idéias muito semelhantes foi, naturalmente, o professor Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore, Ordem de Merlim, Primeira Classe,

Diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Chefe Supremo da Confederação Internacional de Bruxos e Bruxo-Presidente da Suprema Corte dos Bruxos. Apesar das coincidências nos pontos de vista, foi uma surpresa descobrir uma coleção de notas sobre Os contos de Beedle, o Bardo, entre os muitos documentos que

Dumbledore legou em testamento aos Arquivos de Hogwarts. Se tais notas foram escritas para seu próprio prazer ou para futura

publicação, jamais saberemos; recebemos, contudo, a gentil

permissão da professora Minerva McGonagal , hoje diretora de

Hogwarts, para incluí-las, com uma novíssima tradução dos contos feita por Hermione Granger. Esperamos que as impressões do

professor Dumbledore, que incluem comentários sobre a história bruxa, reminiscências pessoais e informações reveladoras sobre elementos-chave de cada história, possam contribuir para que uma nova geração de leitores bruxos e trouxas aprecie Os contos de Beedle, o Bardo. Todos os que conheceram o professor Dumbledore pessoalmente crêem que ele teria tido o máximo prazer em apoiar este projeto, uma vez que os royalties serão doados ao Children's High Level Group, uma organização cujo objetivo é beneficiar

crianças que precisam desesperadamente ser ouvidas.

Parece-me justo acrescentar uma pequena observação aos

comentários do professor Dumbledore. Até onde foi possível

determinar, as notas foram escritas uns dezoito meses antes dos trágicos acontecimentos que se desenrolaram no alto da Torre da Astronomia de Hogwarts. Aqueles que estão familiarizados com a história da guerra bruxa mais recente (todos que leram os sete volumes da vida de Harry Potter, por exemplo) terão percebido que o professor Dumbledore revela um pouco menos do que sabe — ou suspeita — sobre a última história deste livro. A razão de possíveis omissões talvez resida na afirmação que fez Dumbledore, há alguns anos, a respeito da verdade, para o seu aluno mais famoso:

"É uma coisa bela e terrível, e portanto deve ser tratada com grande cautela."

Concordemos ou não com ele, há que desculpá-lo por desejar

proteger os futuros leitores das tentações em que ele mesmo caiu e pelas quais pagou um preço terrível.

J. K. Rowling

2008

Observação sobre as notas de rodapé

Tudo indica que o professor Dumbledore escreveu para um público bruxo, por isso incluí aqui e ali a explicação de um termo ou fato sobre os quais os leitores trouxas talvez precisem de esclarecimento.

JKR

1

O BRUXO E o CALDEIRÃO SALTITANTE

Era uma vez um velho bruxo muito bondoso que usava a magia com generosidade e sabedoria para beneficiar seus vizinhos. Em vez de revelar a verdadeira fonte do seu poder, ele fingia que suas poções, amuletos e antídotos saíam prontos de um pequeno caldeirão a que ele chamava de sua panelinha da sorte. De muitos

quilômetros ao redor, as pessoas vinham lhe trazer seus problemas, e o bruxo, prazerosamente, dava uma mexida na panelinha e resolvia tudo.

Esse bruxo muito querido viveu até uma idade avançada e, ao

morrer, deixou todos os seus bens para o único filho. O rapaz, porém, tinha uma natureza bem diferente da do bom pai. Na sua opinião, quem não sabia fazer mágicas não valia nada, e ele muitas vezes discordara do hábito que o pai tinha de ajudar os vizinhos com sua magia.

Quando o velho morreu, o jovem encontrou escondido no fundo da velha panela um embrulhinho com o seu nome. Abriu-o na

expectativa de ver ouro, mas, em lugar disso, encontrou uma

pantufa grossa e macia, pequena demais para ele e sem par. Dentro dela, um pedaço de pergaminho trazia a seguinte frase:

"Afetuosamente, meu filho, na esperança de que você jamais precise usá-la."

O filho amaldiçoou a caduquice do pai e atirou a pantufa no

caldeirão, decidindo que passaria a usá-lo como lixeira.

Naquela mesma noite, uma camponesa bateu à porta da casa.

— Minha neta apareceu com uma infestação de verrugas, meu

senhor. O seu pai costumava preparar um cataplasma especial

naquela panela velha...

— Fora daqui! — exclamou o filho. — Que me importam as

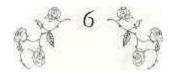
verrugas da sua pirralha?

E bateu a porta na cara da velha.

Na mesma hora, ele ouviu clangores e rumores que vinham da

cozinha. O bruxo acendeu sua varinha e abriu a porta, e ali, para seu espanto, viu que brotara um pé de latão na velha panela do pai, e o objeto pulava no meio da cozinha fazendo uma zoada assustadora no piso de pedra. O bruxo se aproximou admirado, mas recuou

ligeiro quando viu que a superfície da panela estava inteiramente coberta de verrugas.

— Objeto nojento! — exclamou ele, e, com feitiços, tentou primeiro fazer desaparecer o caldeirão, depois limpá-lo e, por fim, expulsá-lo de casa. Nenhum dos feitiços, porém, fez efeito, e ele não pôde impedir o caldeirão de segui-lo saltitante para fora da cozinha, e

depois subir com ele para o quarto, alternando batidas surdas e estridentes a cada degrau da escada de madeira.

O bruxo não conseguiu dormir a noite toda por causa das batidas da velha panela verrugosa ao lado de sua cama, e, na manhã seguinte, a panela insistiu em acompanhá-lo, aos saltos, à mesa do café-da-manhã. Plem, plem, plem fazia o pé de latão, e o bruxo ainda nem começara o seu mingau de aveia quando ouviu outra batida na

porta. Havia um velho parado na soleira.

— É a minha velha jumenta, meu senhor — explicou ele. —

Perdeu-se ou foi roubada, e sem ela não possuo levar os meus

produtos ao mercado e minha família passará fome hoje à noite.

— Com fome estou eu agora! — bradou o bruxo, e bateu a porta

na cara do velho.

Plem, plem, plem fez o caldeirão no chão com aquele seu único pé de latão, mas agora o estrépito se misturava aos zurros de um jumento e aos gemidos humanos de fome que vinham de suas

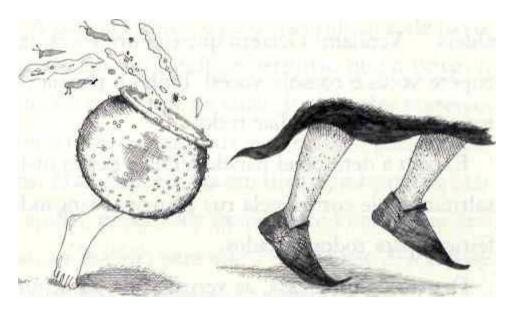
profundezas.

— Pare! Silêncio! — guinchou o bruxo, mas todos os seus poderes mágicos não conseguiram calar a panela verrugosa, que o

seguiu saltitando o dia todo, zurrando e gemendo e

clangorando, aonde quer que ele fosse ou o que quer que

fizesse.

Naquela noite ouviu-se uma terceira batida na porta, e ali, na soleira, estava parada uma jovem mulher soluçando como se o seu coração fosse partir de dor.

— O meu filhinho está gravemente doente — disse ela. — Por favor, pode nos ajudar? Seu pai me disse para vir se tivesse algum pro...

Mas o bruxo bateu a porta na cara da jovem.

E agora a panela atormentadora se encheu até a borda de água

salgada e derramou lágrimas por todo o chão enquanto pulava,

zurrava, gemia e fazia brotar ainda mais lágrimas.

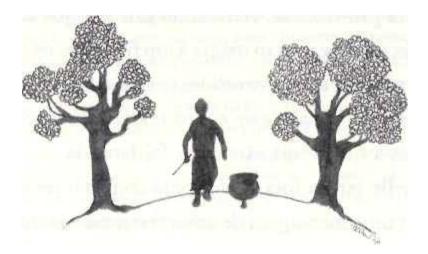
Embora, pelo resto da semana, nenhum outro aldeão tivesse vindo à cabana do bruxo buscar ajuda, a panela o manteve informado dos seus muitos males. Em poucos dias ela não estava apenas zurrando, gemendo, transbordando, pulando e brotando verrugas, mas

também engasgando e tendo ânsias de vômito, chorando como um

bebê, ganindo feito um cão e cuspindo queijo estragado, leite azedo e uma praga de lesmas vorazes.

O bruxo não conseguia dormir nem comer com a panela ao seu

lado, mas ela se recusava a sumir dali, e ele não podia silenciar nem forçar o caldeirão a parar.

Por fim, não aguentou mais.

— Tragam-me todos os seus problemas, todas as suas preocupações e todas as suas tristezas! — gritou, fugindo noite adentro, com a panela perseguindo-o aos saltos pela estrada que levava à aldeia. —

Venham! Deixem que eu cure vocês, recupere vocês e console vocês!

Tenho a panela do meu pai e vou remediar tudo!

E, com a detestável panela ainda a persegui-lo saltitante, ele correu pela rua principal lançando feitiços para todos os lados.

Dentro de uma casa, as verrugas da garotinha desapareceram

enquanto ela dormia; a jumenta perdida foi trazida de um urzal distante e suavemente deixada em seu estábulo; o bebê doente foi umedecido com ditamno e acordou bom e rosado. Em todas as casas em que havia doença e tristeza, o bruxo fez o melhor que pôde, e gradualmente a panela ao seu lado parou de gemer e ter ânsias de vômito, e sossegou, reluzente e limpa.

- E então Panela? — perguntou o bruxo trêmulo, quando o sol

começou a despontar.

A panela arrotou o pé de pantufa que ele havia jogado em seu

fundo, e permitiu que o bruxo o calçasse em seu pé de latão.

Juntos, eles regressaram à casa, os passos da panela finalmente abafados. Mas, daquele dia em diante, o bruxo passou a ajudar os aldeões exatamente como fazia seu pai, antes dele, para que a panela não descalçasse a pantufa e recomeçasse a saltitar.

Comentários de Alvo Dumbledore sobre "O bruxo e o caldeirão saltitante".

Um velho bruxo generoso resolve dar uma lição ao filho insensível, apresentando-lhe uma amostra do sofrimento dos trouxas locais.

Desperta assim a consciência do jovem mago, que concorda em

usar sua magia em benefício dos vizinhos não-mágicos. A primeira vista, uma fábula simples e comovente, ao crer nisso, a pessoa se revelaria uma pobre inocente. Uma história pró-trouxas, retratando um pai que ama os trouxas e é superior em magia a um filho que os detesta? É no mínimo surpreendente que qualquer cópia da

versão original desse conto tenha sobrevivido às chamas a que frequentemente foi lançada.

Beedle estava fora de sintonia com seu tempo ao pregar uma

mensagem de amor fraternal aos trouxas.

No início do século XV, a perseguição de bruxos se intensificava por toda a Europa. Muitos na comunidade mágica achavam, com

toda a razão, que se oferecer para lançar um feitiço no porco doente do vizinho trouxa equivalia a se oferecer para buscar lenha para sua pira (1). "Que os trouxas se arranjem sozinhos!”, bradavam os bruxos ao mesmo tempo em que se afastavam cada

vez mais dos seus irmãos não-mágicos, um movimento que

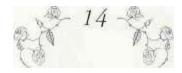
culminou no Código Internacional de Sigilo em Magia, em 1689, data em que eles entraram por livre e espontânea vontade na

clandestinidade.

(1) É verdade que os bruxos e bruxas legítimos tinham razoável experiência em escapar da fogueira, do cepo e da forca (ver meus comentários sobre Lisette de Lapin nas notas sobre "Babbitry, a Coelha, e seu Toco Gargalhante"). Contudo, ocorreram de fato numerosas mortes: Sir Nicholas de Mimsy-Porpington (em vida, um bruxo na corte real e, na morte, o fantasma da Torre da Grifinória) revê sua varinha confiscada antes de ser trancado em uma

masmorra, e assim ficou impedido de usar magia para fugir à sua execução; e as famílias bruxas eram particularmente sujeitas a perder membros mais jovens,

cuja inabilidade para controlar seus poderes mágicos os tornava conspícuos e vulneráveis aos

caçadores de bruxos.

Contudo, sendo as crianças como são, o grotesco caldeirão

saltitante cativou sua imaginação. A solução foi eliminar a moral pró-trouxa, mas preservar o caldeirão verruguento, e, já na

metade do século XVI, uma nova versão do conto circulava

amplamente entre as famílias bruxas. Na história revista, o

caldeirão saltitante protege um inocente bruxo dos seus vizinhos armados de archotes, afugentando-os de sua cabana, capturando-os e engolindo-os inteiros. No final da história, quando a panela já consumiu a maioria dos vizinhos, o bruxo obtém, dos poucos

aldeões que restaram, a promessa de que o deixarão praticar sua magia em paz. Em troca, ele instrui a panela a devolver as vítimas, que são devidamente arrotadas de suas profundezas, ligeiramente estropiadas. Até hoje, algumas crianças bruxas ouvem apenas esta versão revista contada por seus pais (em geral antitrouxas), e a original, se e quando a lêem, é uma grande surpresa.

Conforme sugeri anteriormente, no entanto, o sentimento pró-

trouxa não foi a única razão pela qual "O bruxo e o caldeirão saltitante" atraiu indignação.

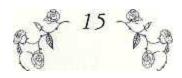
À medida que a caça aos bruxos se encarniçava, as famílias bruxas começaram a levar vidas duplas, usando Feitiços de Ocultação

para proteger a si mesmas. Por volta do século XVII, qualquer bruxo, homem ou mulher, que confraternizasse com trouxas se

tornava suspeito, e até marginalizado em sua própria comunidade.

Entre os muitos insultos lançados contra os pró-trouxas (os

sugestivos epítetos de "chafurdeiro", "lambe-bosta" e "baba-ralé"

datam desse período), havia a acusação de praticarem uma magia ineficaz ou inferior.

Bruxos influentes da época, como Bruto Malfoy, editor de Feitiçaria Aguerrida, um periódico anti-trouxa, perpetuou o estereótipo de que um bruxo amante de trouxas era tão mágico quanto um

bruxo abortado (2). Em 1675, Bruto escreveu:

(2) [O bruxo abortado ou aborto é o filho de pais bruxos que não possui poderes mágicos. Tal ocorrência é rara. Os bruxos e bruxas filhos de pais trouxas são muito mais comuns. JKR]

Isto podemos afirmar com segurança: qualquer bruxo que

demonstre apreciar a sociedade dos trouxas tem uma fraca

inteligência e uma mágica tão débil e digna de pena que ele só pode se sentir superior quando se cerca de porqueiros trouxas.

Nada é um sinal mais infalível de mágica ineficaz do que a fraqueza para conviver com não-mágicos.

Este preconceito foi gradualmente se extinguindo em face da

avassaladora evidência de que alguns dos bruxos (3) mais

brilhantes do mundo foram, para usar o termo comum, "amantes dos trouxas".

(3) Como eu próprio.

A objeção final a "O bruxo e o caldeirão saltitante" ainda hoje permanece viva em certos setores. Beatrix Bloxam (1794-1910), autora do abominável Os contos do chapéu-de-sapo, foi, talvez, quem melhor resumiu a questão. A sra. Bloxam acreditava que Os contos de Beedle, o Bardo prejudicavam as crianças por sua

"mórbida preocupação com assuntos horrendos como morte,

doença, derramamento de sangue, magia perversa, personagens

perniciosos, e efusões e erupções corporais dos tipos mais

repugnantes".

A sra. Bloxam reuniu uma coleção de histórias antigas, inclusive várias de Beedle, e reescreveu-as de acordo com os seus ideais, que, em suas palavras, "incutiam nas mentes puras dos nossos anjinhos saudáveis pensamentos de felicidade, mantinham o seu doce repouso livre de sonhos maus e protegiam a preciosa flor de sua inocência". Lemos no parágrafo final da pura e valiosa reescritura de "O bruxo e o caldeirão saltitante":

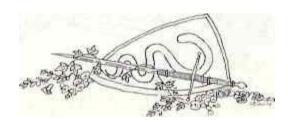
Então a panelinha dourada dançou de prazer — tim tirim tim! —

batendo seus pezinhos rosados! Willyzinho tinha curado as

barriguinhas dodóis de todas as bonequinhas, e a panelinha ficou tão feliz que se encheu de docinhos para Willyzinho e suas

bonequinhas! "Mas não se esqueça de escovar os seus dentinhos!", gritou a panela.

E Willyzinho abraçou e beijou o caldeirão saltitante e prometeu sempre ajudar as bonequinhas e jamais voltar a ser ranzinza.

O conto da sra. Bloxam provocou a mesma reação em gerações de crianças bruxas: incontroláveis ânsias de vômito, seguidas por

imediatos pedidos para que alguém levasse o livro e o

transformasse em pasta.

A FONTE DA SORTE

No alto de um morro, em um jardim encantado envolto por muros altos e protegido por poderosa magia, jorrava a Fonte da Sorte.

Uma vez por ano, entre o nascer e o pôr-do-sol do dia mais longo do ano, um único infeliz recebia a oportunidade de competir para chegar à fonte, banhar-se em suas águas e ter sorte a vida inteira.

No dia aprazado, centenas de pessoas viajavam de todo o reino para chegar ao jardim antes do alvorecer. Homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos, dotados ou não de poderes mágicos

reuniam-se no escuro, cada qual na esperança de ser o escolhido para entrar no jardim.

Três bruxas, com seus problemas e preocupações, encontraram-se nas cercanias da multidão, e contaram umas às outras suas tristezas enquanto esperavam o sol nascer.

A primeira, cujo nome era Asha, sofria de uma doença que nenhum curandeiro conseguia eliminar. Ela esperava que a fonte fizesse desaparecer os seus sintomas e lhe concedesse uma vida longa e feliz.

A segunda, cujo nome era Altheda, tivera sua casa, seu ouro e sua varinha roubados por um bruxo malvado. Ela esperava que a fonte a aliviasse de sua fraqueza e pobreza.

A terceira, cujo nome era Amata, fora abandonada por um homem a quem amava profundamente, e acreditava que seu coração partido jamais se recuperaria. Esperava que a fonte aliviasse sua dor e saudade.

Apiedando-se umas das outras, as três mulheres concordaram que, se lhes coubesse a chance, elas se uniriam e tentariam chegar à fonte juntas.

O primeiro raio de sol rasgou o céu, e uma fresta se abriu no muro.

A multidão avançou, cada pessoa exigindo, aos gritos, a bênção da fonte. Plantas rastejantes do interior do jardim serpearam pela massa ansiosa e se enrolaram na primeira bruxa, Asha. Ela agarrou o pulso da segunda bruxa, Altheda, que segurou com força as

vestes da terceira bruxa, Amata.

E Amata se enredou na armadura de um cavaleiro de triste figura que montava um cavalo esquelético.

As plantas rastejantes puxaram as três bruxas pela fresta do muro, e o cavaleiro foi derrubado do seu ginete atrás delas.

Os gritos furiosos da multidão desapontada se ergueram no ar

matinal, e silenciaram quando os muros do jardim se fecharam

mais uma vez.

Asha e Altheda se zangaram com Amata, que, acidentalmente,

trouxera junto o cavaleiro.

— Apenas um pode se banhar na fonte! Já será bem difícil decidir qual de nós será, sem adicionar mais um!

Ora, o Cavaleiro Azarado, como era conhecido nas terras além-

muros, observou que as mulheres eram bruxas e, não sendo ele

dotado de magia, nem de grande perícia em torneios e duelos com espadas, nem de nada que o distinguisse como homem não mágico, ficou convencido de que não havia esperança de chegar à fonte antes das três mulheres. Anunciou, portanto, sua intenção de sair do jardim.

Ao ouvir isso, Amata se aborreceu também.

- Medroso! — ela o censurou. — Desembainhe sua espada, Cavaleiro, e nos ajude a atingir a nossa meta.

E, assim, as três bruxas e o infeliz cavaleiro se aventuraram pelo jardim encantado, onde ervas raras, frutos e flores cresciam em abundância à margem de caminhos ensolarados. Eles não

encontraram obstáculo algum até alcançar o sopé do morro em

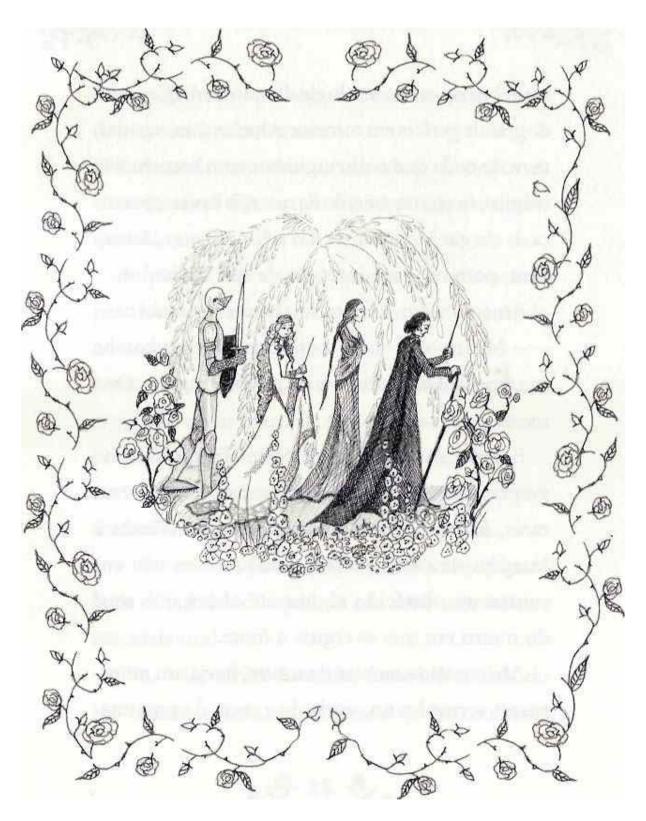
que se erguia a fonte.

Ali, enrolado na base do morro, havia um monstruoso verme branco, inchado e cego. À aproximação do grupo, ele virou uma cara feia e malcheirosa e proferiu as seguintes palavras:

"Paguem-me a prova de suas dores."

O Cavaleiro Azarado sacou a espada e tentou matar o bicho, mas a espada se partiu. Então Altheda atirou pedras

no verme, enquanto Asha e Amata experimentaram todos os feitiços que poderiam

subjugá-lo ou hipnotizá-lo, mas o poder de suas varinhas não foi mais eficaz do que a pedra da amiga ou a espada do cavaleiro: o verme não quis deixá-los passar.

O sol foi subindo sempre mais alto no céu e Asha, desesperada, começou a chorar.

Então o enorme verme encostou o focinho no rosto dela e bebeu suas lágrimas. Saciada a sede, o verme deslizou para um lado e sumiu por um buraco no chão.

Exultantes com o sumiço do verme, as três bruxas e o cavaleiro começaram a subir o morro, certos de que chegariam à fonte antes do meio-dia.

A meio caminho da subida íngreme, porém, eles encontraram

palavras gravadas no chão.

Paguem-me os frutos do seu árduo trabalho.

O Cavaleiro Azarado apanhou sua única moeda e colocou-a na

encosta relvada, mas ela rolou para longe e se perdeu. As três bruxas e o cavaleiro continuaram a subir, e, embora tivessem

andado durante horas, não avançaram um único passo; o topo

continuava distante e a inscrição permanecia no chão diante deles.

Todos se sentiram desanimados quando viram o sol passar sobre suas cabeças e começar a declinar em direção ao longínquo

horizonte, mas Altheda andou mais rápido e, empenhando mais

esforço do que os demais, estimulava-os a seguir seu exemplo, embora tampouco avançasse na subida do morro encantado.

— Coragem, amigos, não fraquejem! — gritava ela, enxugando o

suor do rosto.

A medida que as gotas caíam, cintilantes, na terra, a inscrição que bloqueava o caminho desaparecia, e eles descobriram que podiam prosseguir.

Encantados com a remoção do segundo obstáculo, correram para o alto o mais rápido que puderam, até que, por fim, avistaram a fonte, refulgindo cristalina em meio a árvores e flores.

Antes de alcançá-la, no entanto, encontraram barrando o seu

caminho um riacho que circundava o topo do morro. No fundo da água transparente havia uma pedra lisa com as seguintes palavras: Paguem-me o tesouro do seu passado.

O Cavaleiro Azarado tentou atravessar o curso d'água flutuando sobre seu escudo, mas afundou. As três bruxas o tiraram de dentro do riacho e tentaram saltar por cima da água, mas o riacho não as deixou atravessar, e todo o tempo o sol ia baixando pelo céu.

Eles começaram, então, a refletir sobre o significado da mensagem na pedra, e Amata foi a primeira a compreendê-la. Apanhando a varinha, apagou da mente todas as lembranças dos momentos

felizes que passara com o seu amor desaparecido e deixou-as cair na correnteza. O riacho as levou para longe, deixando aparecer pedras planas e, finalmente, as três bruxas e o cavaleiro puderam atravessar em direção ao topo do morro.

A fonte refulgiu diante dos quatro, emoldurada pelas ervas e flores mais raras e mais belas que jamais tinham visto. O céu coloriu-se de vermelho, e chegou a hora de decidir qual deles iria se banhar.

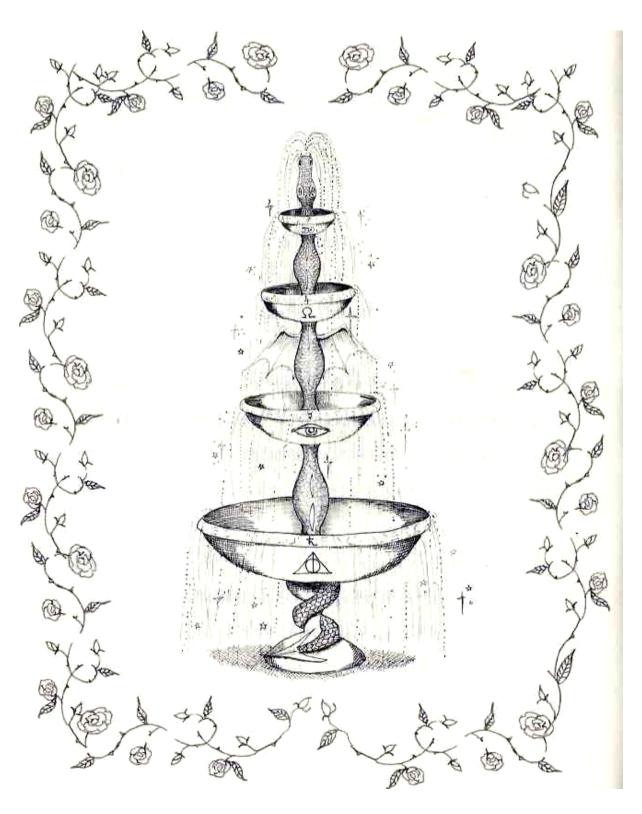
Antes, porém, que chegassem a uma conclusão, a franzina Asha

tombou no chão. Exausta com o esforço da subida, estava à beira da morte.

Seus três amigos a teriam carregado até a fonte, mas Asha, em agonia mortal, lhes pediu que não a tocassem.

Então Altheda se apressou a colher as ervas que julgou mais úteis, misturou-as na cabaça de água do Cavaleiro Azarado e levou a

poção à boca de Asha.

Na mesma hora, Asha conseguiu se pôr de pé. Além disso, todos os sintomas de sua terrível enfermidade tinham desaparecido.

— Estou curada! — exclamou ela. — Não preciso da fonte; deixem Altheda se banhar!

Altheda, porém, estava ocupada colhendo mais ervas em seu avental.

— Se fui capaz de curar essa doença, posso ganhar muito ouro!

Deixem Amata se banhar!

O Cavaleiro Azarado se inclinou e, com um gesto, indicou a fonte a Amata, mas ela sacudiu a cabeça. O riacho tinha lavado todos os seus desapontamentos de amor, e ela percebia agora que o antigo amado fora insensível e infiel, e que era uma grande felicidade ter se livrado dele.

— Bom cavaleiro, o senhor deve se banhar, em recompensa por

toda a sua nobreza! — disse ela ao Cavaleiro Azarado.

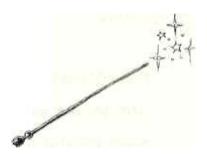
Então ele avançou a armadura tinindo aos últimos raios do sol poente e se banhou na Fonte da Sorte, admirado por ter sido o escolhido entre centenas de outros e atordoado com a sua

inacreditável fortuna.

Quando o sol se pôs no horizonte, o Cavaleiro Azarado se ergueu das águas sentindo-se glorioso com o seu triunfo, e se atirou, ainda vestindo a armadura enferrujada, aos pés de Amata, a mulher mais bondosa e bela que já contemplara. Alvoroçado com o sucesso,

pediu sua mão e seu coração, e Amata, não menos feliz, percebeu que encontrara um homem que merecia os dois.

As três bruxas e o cavaleiro desceram o morro juntos, de braços dados, e os quatro levaram vidas longas e

venturosas, sem jamais saber nem suspeitar que as águas da fonte não possuíam encanto algum.

Comentários de Alvo Dumbledore sobre

"A Fonte da Sorte"

"A Fonte da Sorte" é um eterno favorito, tanto assim que foi tema da única tentativa de introduzir uma pantomima de Natal nos

festejos de Hogwarts.

O nosso mestre de Herbologia à época, professor Herbert Beery, **1**

um entusiástico aficionado do teatro amador, propôs uma

adaptação dessa muito apreciada história infantil como uma

surpresa especial de Natal para colegas e alunos. Eu era então um jovem professor de Transfiguração, e Herbert me encarregou dos

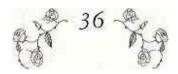
"efeitos especiais", que incluíam providenciar uma Fonte da Sorte que funcionasse plenamente e a miniatura de um morro coberto

de vegetação, que as nossas três heroínas e o nosso herói

pareceriam escalar, enquanto a fonte afundaria lentamente no

palco e desapareceria de vista.

1 O professor Beery mais tarde deixou Hogwarts para ensinar na A.B.A.D. (Academia Bruxa de Arte Dramática), onde confessou-me, certa vez, ter forte aversão por encenar essa história por acreditá-

la azarada.

Creio poder afirmar, sem vaidade, que tanto a minha fonte quanto o meu morro desempenharam satisfatoriamente os papéis que lhes cabiam. O mesmo não se pode dizer, no entanto, do restante do elenco. Esquecendo por instantes as acrobacias do gigantesco

verme arranjado pelo nosso professor de Trato das Criaturas

Mágicas, Silvano Kettleburn, o elemento humano se mostrou

desastroso para o espetáculo. O professor Beery, em sua função de diretor, esteve perigosamente desatento à complexidade de

emoções que fervilhavam sob o seu próprio nariz. Mal sabia ele que os alunos que protagonizavam Amata e o Cavaleiro Azarado

tinham sido namorados até uma hora antes de subir a cortina do palco, momento em que o "Cavaleiro Azarado" transferiu suas afeições para "Asha".

Basta dizer que os nossos aspirantes à sorte nunca chegaram ao alto do morro. A cortina nem bem subira quando o verme do

professor Kettleburn - que hoje sabemos ter sido um cinzal**2**

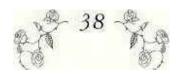
ingurgitado por um feitiço - explodiu em uma chuva de faíscas e poeira, enchendo o Salão Principal de fumaça e fragmentos do

cenário. Enquanto os enormes ovos incandescentes que o bicho

pusera ao pé do meu morro incendiavam as tábuas do soalho,

"Amata" e "Asha" se hostilizavam e duelavam com tanta ferocidade que o professor Beery foi apanhado no fogo cruzado, e o corpo docente precisou evacuar o Salão, pois as labaredas que então devastavam o palco ameaçavam engolfar o auditório. O espetáculo da noite terminou com uma ala hospitalar lotada; passaram-se

muitos meses até o Salão Principal perder o cheiro acre de fumaça de madeira, e outros tantos para a cabeça do professor Beery

reromar as proporções normais, e o professor Kettleburn deixar de

lecionar sob observação (3). O diretor Armando Dippet impôs uma proibição a futuras pantomimas, uma orgulhosa tradição

antiteatral que Hogwarts mantém até hoje.

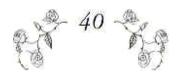
2 Veja Animais fantásticos & onde habitam para uma descrição conclusiva deste curioso bicho. Jamais devia ser intencionalmente introduzido em um salão com painéis de madeira, nem receber um Feitiço de Ingurgitamento.

3 O professor Kettleburn sobreviveu a nada menos que sessenta e dois trimestres sob observação durante o tempo em que ocupou o cargo de professor de Trato das Criaturas Mágicas. Suas relações com o meu predecessor em Hogwarts, o professor Dippet, sempre foram tensas, pois este o considerava meio irresponsável. Na época em que me tornei diretor, no entanto, o professor Kettleburn já se acalmara consideravelmente, embora sempre houvesse alguém a

comentar com cinismo que, restando-lhe apenas um e meio dos

membros com que nascera, ele era forçado a levar a vida menos ativamente.

Apesar do nosso fiasco dramático, "A Fonte da Sorte" é provavelmente o conto de Beedle mais popular, embora, tal como acontece com "O bruxo e o caldeirão saltitante", tenha seus detratores. Mais de um pai de aluno já exigiu a retirada desse conto da biblioteca de Hogwarts, inclusive, por coincidência, um descendente de Bruto Malfoy e antigo membro da diretoria de

Hogwarts, o sr. Lúcio Malfoy. O conselheiro apresentou, por escrito, sua exigência de que a história fosse proibida:

Qualquer obra de ficção ou não-ficção que retrate a miscigenação de bruxos e trouxas deve ser banida das estantes de Hogwarts. Não quero que o meu filho seja influenciado a macular a pureza de sua linhagem lendo histórias que promovam casamentos entre bruxos e trouxas.

A minha recusa em retirar o livro da biblioteca foi apoiada pela maioria dos membros do Conselho Diretor de Hogwarts. Em

resposta, escrevi ao sr. Malfoy explicando a minha decisão:

As famílias de sangue supostamente puro mantêm a sua alegada

pureza excluindo os trouxas ou filhos de trouxas de suas árvores genealógicas, deserdando-os ou mentindo sobre sua pureza.

Tentam então impingir aos demais a sua hipocrisia, pedindo a

exclusão de obras que abordem as verdades que eles negam. Não há um único bruxo ou bruxa no mundo cujo sangue não tenha se

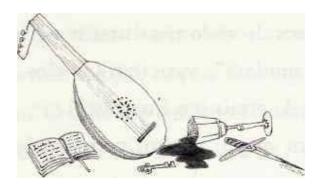
misturado ao de trouxas, e, assim sendo, devo considerar ilógica e imoral a remoção de obras que tratem do assunto do acervo de

conhecimentos dos nossos alunos. (4)

4 Minha resposta motivou várias outras cartas do sr. Malfoy, mas, como continham principalmente comentários afrontosos sobre a

minha sanidade, meus pais e higiene, sua relevância para este comentário é remota.

Esta troca de correspondência marcou o início da longa campanha do sr. Malfoy para que me removessem do cargo de diretor de

Hogwarts, e da minha para que o removessem do cargo de

Comensal da Morte Favorito de Lord Voldemort.

3

O CORAÇÃO PELUDO DO MAGO

Era uma vez um jovem mago rico, bonito e talentoso, que observou que seus amigos agiam como tolos quando se apaixonavam, se

enfeitando, andando aos saltos e corridinhas, perdendo o apetite e a dignidade. O jovem mago resolveu jamais se deixar dominar por tal fraqueza, e recorreu às artes das trevas para garantir sua

imunidade.

Sem saber do seu segredo, a família do mago achava graça de vê-

lo tão distante e frio.

"Tudo mudará", vaticinavam eles, "quando uma donzela atrair seu interesse!"

O jovem mago, porém, permanecia impassível. Embora muita

donzela se sentisse intrigada por seu ar altivo e recorresse às artes mais sutis para agradá-lo, nenhuma conseguia tocar seu coração.

Ele se vangloriava de sua indiferença e da sagacidade que a

produzira.

O frescor da juventude foi dissipando-se e os jovens de mesma idade e posição que o mago começaram a casar e a ter filhos.

"O coração deles deve ser apenas uma casca", desdenhava ele mentalmente, observando o ridículo comportamento dos jovens

pais ao seu redor, "ressecada pelas exigências desses pirralhos chorões!"

E mais uma vez ele se felicitou pela sabedoria da opção que fizera no primeiro momento.

No devido tempo, os pais do mago, já idosos, faleceram. O filho não lamentou a morte deles; ao contrário, considerou-se abençoado por terem desaparecido. Agora ele reinava sozinho em seu castelo.

Depois de transferir o seu maior tesouro para a masmorra mais profunda, ele se entregou a uma vida desregrada e farta, na qual o seu conforto era o único objetivo dos inúmeros criados.

O mago estava convencido de que devia ser alvo da imensa inveja de todos que contemplavam sua solidão esplêndida e despreocupada.

Feroz, portanto, foi sua raiva e desgosto, quando um dia ouviu dois dos lacaios discutindo a sua pessoa.

O primeiro criado manifestou pena do mago que, com tanto poder e riqueza, continuava sem alguém que o amasse.

Seu colega, entretanto, desdenhou, perguntando por que um

homem com tanto ouro e dono de tão esplêndido castelo não fora capaz de atrair uma esposa.

Tal conversa desferiu um terrível golpe no orgulho do mago que os ouvia.

Ele decidiu imediatamente escolher uma esposa, e uma que fosse superior a todas as existentes. Possuiria uma beleza assombrosa e provocaria inveja e desejo em todo homem que a contemplasse;

descenderia de uma linhagem mágica para que seus filhos herdassem excepcionais dons de magia; e seria dona de uma fortuna no mínimo igual à dele, para garantir sua confortável existência, apesar do acréscimo de pessoas e despesas.

Encontrar tal mulher talvez levasse cinquenta anos, mas aconteceu que, no dia seguinte à sua decisão, chegou à vizinhança, em visita a parentes, uma donzela que correspondia a todos os seus desejos.

Era uma bruxa de prodigioso talento e dona de grande riqueza.

Sua beleza era tanta que mexia com o coração de todos os homens que a contemplavam, isto é, todos, exceto um. O coração do mago não sentiu absolutamente nada. Contudo, a moça era o prêmio que ele buscava, e, assim sendo, começou a cortejá-la.

Todos que notaram a mudança no comportamento do mago

ficaram surpresos e disseram à donzela que ela tivera êxito, onde uma centena de outras havia fracassado.

A jovem, por sua vez, sentiu ao mesmo tempo fascínio e repulsa pelas atenções do mago. Ela pressentiu a frieza que havia sob o calor de suas lisonjas, pois jamais conhecera um homem tão

estranho e distante. Seus parentes, contudo, consideraram essa união extremamente desejável e, muito interessados em promovê-

la, aceitaram o convite do mago para um grande banquete em

homenagem à donzela.

A mesa, carregada com peças de ouro e prata, continha os mais finos vinhos e as comidas mais suntuosas. Menestréis dedilhavam alaúdes de cordas sedosas e cantavam um amor que o seu senhor jamais sentira. A donzela sentou-se em um trono ao lado do mago, que lhe falava suavemente, empregando palavras de carinho que roubara dos poetas, sem a mínima idéia do seu real significado.

A donzela ouvia, intrigada, e por fim respondeu:

- Você fala bonito, mago, e eu ficaria encantada com suas atenções, se ao menos acreditasse que você tem coração!

O mago sorriu e lhe respondeu que, quanto a isso, ela não precisava temer. Pediu-lhe que o acompanhasse e, conduzindo-a para fora do salão, desceu à masmorra trancada à chave onde guardava o seu maior tesouro.

Ali, em uma caixa de cristal encantada, encontrava-se o coração pulsante do mago.

Há muito tempo desligado dos olhos, ouvidos e dedos, o coração jamais se deixara cativar pela beleza, ou por uma voz musical, ou pelo tato de uma pele sedosa. A donzela ficou aterrorizada ao vê-lo, pois o coração encolhera e se cobrira de longos pêlos negros.

— Ah, o que você fez! — lamentou ela. — Reponha o coração no lugar a que pertence, eu lhe imploro!

Ao perceber que isto era necessário para agradá-la, o mago apanhou a varinha, destrancou a caixa de cristal, abriu o próprio peito e repôs o coração peludo na cavidade vazia que outrora ocupara.

- Agora você está curado e conhecerá o verdadeiro amor! —

exclamou a donzela e abraçou-o.

O toque dos macios braços alvos da donzela, o som de sua

respiração no ouvido dele, o aroma dos seus cabelos dourados; tudo isto penetrou como uma lança o seu

coração recém-despertado. Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego

e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites

tinham se tornado vorazes e perversos.

Os convidados ao banquete notaram a ausência do anfitrião e da donzela. A princípio despreocupados, começaram, porém, a se

sentir ansiosos à medida que as horas passavam e, por fim,

decidiram revistar o castelo.

Acabaram encontrando a masmorra, onde uma cena aterrorizante

os aguardava.

A donzela jazia morta no chão, de peito aberto, e ao seu lado ajoelhava-se o mago enlouquecido, segurando em uma das mãos

ensanguentadas um grande e reluzente coração, que ele lambia e acariciava, jurando trocá-lo pelo seu.

Na outra mão, ele empunhava a varinha, tentando induzir o

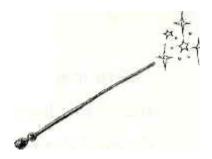
coração murcho e peludo a sair do próprio peito. O coração,

porém, era mais forte do que ele e se recusou a renunciar ao

controle dos seus sentidos ou a retornar à urna em que estivera trancado por tanto tempo.

Diante do olhar aterrorizado dos convidados, o mago atirou para um lado a varinha e agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito.

Por um momento, o mago permaneceu de joelhos, triunfante,

segurando um coração em cada mão; em seguida caiu atravessado sobre o corpo da donzela e morreu.

Comentários de Alvo Dumbledore sobre

"O coração peludo do mago"

Vimos anteriormente que os dois primeiros contos de Beedle

atraíram críticas por seus temas de generosidade, tolerância e amor. "O coração peludo do mago", no entanto, não parece ter sofrido alterações nem muitas críticas nas centenas de anos que transcorreram desde que foi escrito; a história, quando afinal a li nas runas originais, era quase exatamente igual à que minha

mãe me contara. Dito isto, "O coração peludo do mago" é de longe a mais horripilante das dádivas de Beedle, e muitos pais não a compartilham com os filhos até achar que eles têm idade suficiente para não ter pesadelos. **1**

1 Segundo registrou em seu próprio diário, Beatrix Bloxam jamais se recuperou do abalo de ter ouvido a tia contar essa história às suas primas mais velhas. "Por acaso, a minha orelhinha encostou no buraco da fechadura. Só posso imaginar que devo ter ficado paralisada de horror, uma vez que ouvi involuntariamente a

repulsiva história, sem falar nos detalhes chocantes do caso

muitíssimo imoral do meu tio Nobby, a megera local e um saco de bulbos saltadores. O choque quase me matou; passei uma

semana de cama e tão profundamente traumatizada que

desenvolvi o hábito de andar durante o sono e toda noite

espreitar à mesma fechadura, até que o meu querido pai, zelando pelo meu bem, pôs um Feitiço Adesivo na minha porta na hora de dormir." Aparentemente, Beatrix não conseguiu uma maneira de adequar "O coração peludo do mago" aos ouvidos sensíveis das crianças, pois jamais o reescreveu para Os contos do chapéu-desapo.

Como explicar, então, a sobrevivência desse conto macabro? Eu argumentaria que "O coração peludo do mago" sobreviveu intacto através dos séculos porque fala às profundezas sombrias do nosso ser. Aborda uma das tentações maiores e menos admissíveis em

magia: a busca da invulnerabilidade.

Naturalmente, tal busca é nada mais nada menos que uma vã

fantasia. Nenhum homem ou mulher vivos, mágicos ou não,

jamais escapou de alguma forma de lesão, seja física, seja mental ou emocional. Ferir-se é tão humano quanto respirar. Apesar

disso, nós bruxos parecemos particularmente favoráveis à idéia de que podemos dobrar a natureza da existência à nossa vontade. O

jovem mago**2** dessa história, por exemplo, conclui que a paixão afeta, adversamente, o seu conforto e segurança. Ele vê o amor como uma humilhação, uma fraqueza, um desperdício dos

recursos materiais e emocionais de uma pessoa.

2 [O termo "mago" usado para se referir ao protagonista desse conto é muito antigo. Embora seja intercambiável com "bruxo", designou originalmente aquele que aprendeu as artes marciais e duelísticas próprias da magia. Era também um título concedido a bruxos que tivessem realizado feitos de bravura, tal como os

trouxas são por vezes nomeados cavaleiros por atos de valor. Ao chamar o jovem bruxo dessa história de "mago", Beedle indica que ele já era reconhecido por sua especial perícia em magia ofensiva.

Em nossos dias, "mago" é usado de duas maneiras: na descrição de um bruxo de aparência excepcionalmente feroz, ou como um

título indicativo de extraordinário talento ou realização. Assim, Dumbledore, um mago, é bruxo-presidente da Suprema Corte dos

Bruxos. JKR]

Naturalmente, o comércio secular de poções de amor comprova

que o nosso mago ficcional não está sozinho quando busca

controlar o curso imprevisível do amor. A pesquisa para encontrar uma verdadeira poção do amor**3** tem continuado até os nossos dias, mas tal elixir ainda não foi criado, e eminentes preparadores de poções duvidam que isto seja possível.

3 Hector Dagworth-Granger, fundador da Mui Extraordinária

Sociedade dos Preparadores de Poções, explica: "Violentas paixonites podem ser induzidas por um competente preparador de poções, mas até hoje ninguém conseguiu criar o vínculo

verdadeiramente incondicional, eterno, irrompível, o único que pode ser chamado de Amor."

O herói desse conto, no entanto, não está sequer interessado em um simulacro de amor que ele possa criar ou destruir a seu bel-prazer. Quer permanecer imune àquilo que ele considera uma

espécie de fraqueza e, portanto, executa um feitiço das trevas que não seria possível fora de um livro de histórias: guarda a sete chaves o seu coração.

Muitos autores observaram a semelhança deste ato com a criação de uma Horcrux. Embora o herói de Beedle não esteja

procurando evitar a morte, como Tom Riddle, está separando o

que evidentemente não deve ser separado — o corpo e o coração —

e, ao fazê-lo, infringe a primeira das Leis Fundamentais da Magia de Adalberto Waffling:

Somente interfira com os mistérios mais profundos — a origem da vida, a essência do eu — se estiver preparado para enfrentar as consequências mais extremas e perigosas.

E, efetivamente, ao procurar se tornar sobre-humano, esse jovem imprudente se torna inumano. O coração que ele guardou,

escondido, lentamente murcha e cria pêlos, simbolizando sua

própria descida à animalidade. Finalmente, o bruxo é reduzido a um violento animal que arrebata o que quer à

força, e morre na inútil tentativa de recuperar aquilo que, então, estava para

sempre fora do seu alcance - um coração humano.

Embora um tanto antiquada, a expressão inglesa "ter um coração peludo" foi incorporada à linguagem cotidiana para descrever um bruxo ou bruxa frio ou insensível. Honória, minha tia solteirona, sempre alegou que desmanchara um noivado com um bruxo da

Seção de Controle do Uso Indevido da Magia porque descobriu em tempo que "ele possuía um coração peludo". (Corria, porém, o boato de que, na realidade, ela o surpreendera acariciando

libidinosamente uns toletes, **4** o que julgou profundamente chocante.) Mais recentemente, o livro de auto-ajuda O coração peludo: um guia para bruxos que não querem se comprometer (5) encabeçou a lista dos mais vendidos.

4 Toletes são seres rosados, semelhantes a cogumelos cerdosos. É

difícil entender por que alguém iria querer acariciá-los. Maiores informações em Animais fantásticos & onde habitam.

5 Não deve ser confundido com Focinho peludo, coração humano, um relato comovente da luta de um homem contra a licantropia.

4

BABBITTY, A COELHA, E SEU Toco GARGALHANTE

Há muitos e muitos anos, em uma terra muito distante, vivia um rei apalermado que decidiu que somente ele devia ter poderes

mágicos.

Assim, ordenou que o chefe do seu exército formasse uma Brigada de Caçadores de Bruxos, e equipou-a com uma matilha de ferozes cães negros.

Ao mesmo tempo, determinou que em cada aldeia e cidade de suas terras fosse lida a seguinte proclamação: "O rei procura um Instrutor de Magia."

Nenhum bruxo ou bruxa ousou se candidatar ao cargo, pois

estavam todos escondidos da Brigada de Caçadores de Bruxos.

Entretanto, um astucioso charlatão, sem qualquer poder mágico, viu nisso uma chance de enriquecer e apresentou-se ao palácio como um bruxo de enorme perícia. O charlatão executou alguns

truques simples que convenceram o rei dos seus poderes mágicos, e foi imediatamente nomeado Grande Feiticeiro-Chefe, Mestre

Régio de Magia.

O charlatão pediu ao rei que lhe desse um polpudo saco de ouro para ele poder comprar varinhas e outros materiais mágicos

necessários. Pediu, ainda, vários rubis graúdos para serem usados no lançamento de feitiços curativos e uns dois cálices de prata para guardar e maturar poções. Tudo isso o apalermado rei lhe entregou.

O charlatão guardou o tesouro a salvo em sua própria casa e

voltou aos jardins do palácio.

Ele não sabia, no entanto, que estava sendo observado por uma velha que vivia em um casebre na periferia dos jardins do palácio.

Seu nome era Babbitty, e ela era uma lavadeira que mantinha as roupas de cama e mesa do palácio macias, cheirosas e alvas.

Espreitando por trás dos lençóis que secavam no varal, Babbitty viu o charlatão partir dois galhinhos de uma das árvores do rei e desaparecer no interior do palácio.

O charlatão entregou um dos gravetos ao rei e lhe garantiu que era uma varinha de formidável poder.

— Mas somente produzirá resultados — disse o charlatão — quando o senhor se mostrar merecedor.

Toda manhã o charlatão e o apalermado rei saíam aos jardins

onde agitavam suas varinhas e bradavam disparates para o céu. O

charlatão tinha o cuidado de executar mais truques, de modo a manter o rei convencido da perícia do seu grande feiticeiro e do poder das varinhas que tinham lhe custado tanto ouro.

Certa manhã, quando o charlatão e o rei apalermado faziam

floreios com suas varinhas, pulavam em círculos e entoavam rimas sem sentido, uma grande gargalhada chegou aos ouvidos do rei.

Babbitty, a lavadeira, apreciava o rei e o charlatão da janela de sua casinha, e gargalhava com tanto gosto que não tardou a

desaparecer de vista, fraca demais para continuar de pé.

— Devo parecer muito indigno para fazer a velha lavadeira dar tantas risadas — disse o rei. Ele parou de pular e agitar a varinha e enrugou a testa.

- Estou cansado de praticar! Quando estarei pronto para realizar feitiços régios diante dos meus súditos, feiticeiro?

O charlatão tentou tranquilizar seu discípulo, assegurando-lhe que logo seria capaz de feitos mágicos surpreendentes. Porém, as

gargalhadas de Babbitty incomodaram o rei mais do que o

charlatão imaginava.

— Amanhã — disse o rei —, convidaremos nossa corte para assistir ao seu rei realizar mágicas!

O charlatão viu que chegara a hora de apanhar seu tesouro e fugir.

— Ai de mim, será impossível! Esqueci-me de informar Vossa

Majestade que preciso sair amanhã em uma longa viagem...

— Se você deixar este palácio sem a minha permissão, feiticeiro, minha Brigada de Caçadores de Bruxos o perseguirá com os seus cães! Amanhã de manhã você me ajudará a realizar mágicas diante dos nossos lordes e damas, e se alguém rir de mim, mandarei

decapitá-lo!

O rei entrou enfurecido no palácio, deixando o charlatão só e amedrontado. Agora nem toda a sua astúcia seria capaz de salvá-

lo, pois não poderia fugir nem tampouco ajudar o rei com a magia que nenhum dos dois conhecia.

Procurando uma válvula para aliviar seu medo e raiva, o charlatão se aproximou da janela de Babbitty, a lavadeira. Espiando para dentro da casa, viu a velhinha sentada à mesa, encerando uma

varinha. Em um canto às suas costas, os lençóis do rei estavam se lavando sozinhos em uma tina de madeira.

O charlatão compreendeu imediatamente que Babbitty era uma

bruxa genuína, e que, tendo lhe causado aquele terrível problema, poderia também resolvê-lo.

— Sua bruxa velha! — berrou o charlatão. — Sua gargalhada me custou caro! Se não me ajudar, vou denunciá-la, e você é que será despedaçada pelos cães do rei!

A velha Babbitty sorriu para o charlatão e tranquilizou-o, dizendo que faria tudo em seu poder para ajudá-lo.

O charlatão lhe deu instruções para se esconder em uma moita

enquanto o rei apresentava o seu espetáculo de magia, e para

executar os feitiços do rei sem que ele soubesse. Babbitty

concordou com o plano, mas fez uma pergunta.

— E, meu senhor, se o rei tentar um feitiço que Babbitty não seja capaz de realizar?

O charlatão zombou.

— A sua mágica é superior à imaginação daquele tolo — garantiu-lhe o homem e se retirou para o castelo muito satisfeito com a própria esperteza.

Na manhã seguinte todos os lordes e damas do reino se reuniram nos jardins do palácio. O rei subiu a um palco à frente deles acompanhado pelo charlatão.

— Primeiro, farei o chapéu dessa dama desaparecer! — anunciou o rei, apontando o seu galhinho para uma dama.

Do meio de uma moita próxima, Babbitty apontou a varinha para o chapéu e o fez sumir. Grande foi o espanto e a admiração da

nobreza e forte o seu aplauso para o jubiloso rei.

— A seguir, farei aquele cavalo voar! — anunciou o rei, apontando o galhinho para o próprio ginete.

Do meio da moita, Babbitty apontou a varinha para o cavalo e o animal se elevou no ar.

Os nobres ficaram ainda mais arrebatados e surpresos, e, aos

gritos, manifestaram o seu apreço pelo rei mágico.

— E, agora — disse o rei, correndo o olhar ao redor em busca de uma idéia; e o capitão de sua Brigada de Caçadores de Bruxos

correu para o rei.

- Majestade — disse o capitão — esta manhã, Sabre morreu depois de comer um cogumelo venenoso! Ressuscite-o , majestade, com a sua varinha!

E o capitão carregou até o palco o corpo sem vida do maior dos cães caçadores de bruxos.

O apalermado rei brandiu o seu galhinho e apontou para o cão

morto. Mas, no meio da moita, Babbitty sorriu, e não se deu sequer o trabalho de erguer a varinha, porque nenhuma mágica é capaz de ressuscitar os mortos.

Ao ver que o cão continuava imóvel, os nobres começaram primeiro a murmurar e depois a rir.

Desconfiaram que os primeiros dois feitos do rei, afinal, não tinham passado de simples truques.

Por que não está funcionando? — gritou o rei para o charlatão, que recorreu ao último ardil que lhe restava.

Ali, majestade, ali! — gritou ele, apontando para a moita onde Babbitty estava escondida. — Vejo-a claramente, a bruxa má que está bloqueando a nossa magia com os seus próprios feitiços

malignos! Prenda-a, alguém, prenda-a!

Babbitty fugiu da moita, e a Brigada de Caçadores de Bruxos saiu em sua perseguição, soltando os cães, que latiram longamente, sedentos pelo sangue da bruxa. Mas, ao alcançar uma sebe baixa, a bruxa desapareceu de vista, e quando o rei, o charlatão e todos os cortesãos chegaram ao outro lado, encontraram a matilha

caçadora latindo e escarafunchando ao redor de uma árvore velha e curvada.

— Ela se transformou em uma árvore! — berrou o charlatão e,

temendo que Babbitty retomasse sua forma humana e o

denunciasse, acrescentou:

— Derrube-a, Vossa Majestade, é assim que se lida com bruxas

más!

Imediatamente trouxeram um machado, e a velha árvore foi

abatida com sonoros vivas dos cortesãos e do charlatão.

Entretanto, quando se preparavam para retornar ao palácio, o som de uma gargalhada os fez parar de estalo.

— Tolos! — exclamou a voz de Babbitty do toco que eles haviam deixado para trás.

— Bruxos e bruxas não podem ser mortos rachando-os ao meio!

Se não acreditam em mim, peguem o machado e cortem o grande

feiticeiro ao meio!

O capitão da Brigada de Caçadores de Bruxos se apressou a fazer a experiência, mas, quando ergueu o machado, o charlatão caiu de joelhos pedindo misericórdia e confessando toda a sua maldade. Ao vê-lo sendo arrastado para a masmorra, o toco de árvore

gargalhou mais alto que nunca.

— Quando cortou uma bruxa ao meio, Vossa Majestade

desencadeou uma terrível maldição sobre o seu reino! — disse o toco ao rei aterrorizado.

- De hoje em diante, cada maldade que o senhor infligir aos meus companheiros bruxos se refletirá como uma machadada do lado do seu corpo, até o senhor desejar morrer.

Ao ouvir isso, o rei também caiu de joelhos e disse ao toco que faria imediatamente uma proclamação, protegendo todos os

bruxos do seu reino e deixando-os praticar sua magia em paz.

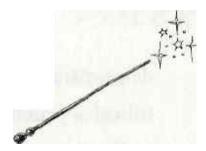
— Muito bem — disse o toco —, mas o senhor ainda não

compensou Babbitty!

— Farei qualquer coisa, qualquer coisa que pedir! — exclamou o apalermado rei, torcendo as mãos diante do toco.

- O senhor construirá uma estátua de Babbitty em cima de mim, em memória da sua pobre lavadeira, para lembrá-lo para sempre de sua própria tolice! — ordenou o toco.

O rei concordou imediatamente e prometeu contratar o maior

escultor da terra para fazer uma estátua de ouro puro. Depois o

envergonhado rei e toda a nobreza retornaram ao palácio,

deixando o toco dando gargalhadas às suas costas.

Quando os jardins se esvaziaram novamente, esgueirou-se do buraco entre as raízes do toco uma velha coelha robusta e

bigoduda com uma varinha presa entre os dentes. Babbitty saiu saltando pelos jardins para muito longe, a estátua de ouro da lavadeira, que recobria o toco, durou para sempre, e nunca mais os bruxos foram perseguidos naquele reino.

Comentários de Alvo Dumbledore sobre "Babbitty, a

Coelha, e seu Toco Gargalhante"

A história de "Babbitty, a Coelha, e seu Toco Gargalhante" é, sob muitos aspectos, o conto de Beedle mais "real", na medida em que a magia descrita na história está quase totalmente de acordo com as conhecidas leis da magia.

Foi graças a essa história que muitos de nós descobrimos que a magia não podia ressuscitar os mortos — o que foi um grande

desapontamento e um choque, convencidos que estávamos na

infância de que nossos pais seriam capazes de acordar os nossos ratos e gatos com um aceno de varinha. E, embora tenham

transcorrido uns seis séculos desde que Beedle escreveu esse

conto, e desde então tenhamos concebido inúmeras maneiras de

manter a ilusão da presença continuada dos entes que amamos, [1]

os bruxos ainda não descobriram como juntar corpo e alma uma

vez que a morte ocorra. Diz o eminente filósofo bruxo Bertrand de Pensées-Profondes em sua famosa obra Um estudo da

possibilidade de reverter os efeitos metafísicos e reais da morte natural, com especial atenção à reintegração da essência com a matéria: "Desistam. Isto jamais acontecerá."

1 [As fotos e os retratos de bruxos têm movimentos e (no caso destes últimos) falam como seus personagens. Outros objetos

raros, como o Espelho de Ojesed, podem também refletir mais do que uma imagem estática de alguém querido que perdemos. Os

fantasmas são versões transparentes, dinâmicas, falantes e

pensantes dos bruxos e bruxas que desejaram, por alguma razão, permanecer na terra. JKR]

O conto de Babbitty, a Coelha, porém, nos oferece uma das

primeiras menções literárias a um animago, pois Babbitty, a

lavadeira, é dotada dessa rara habilidade mágica de se

transformar em animal, quando quer.

Os animagos formam uma pequena fração da população bruxa.

Atingir a transformação perfeita e espontânea de humano para

animal exige muito estudo e prática, e muitos bruxos consideram que seu tempo pode ser melhor empregado em outras

atividades. Certamente, a aplicação de tal talento é limitada a não ser que a pessoa tenha grande necessidade de se disfarçar ou se ocultar. Por esta razão, o Ministério da Magia insiste em

registrar os animagos, pois não resta dúvida de que tal tipo de feitiço tem maior utilidade para aqueles que se dedicam a

atividades sub-reptícias, secretas ou até criminosas. **2**

2 [A professora McGonagall, diretora de Hogwarts, me pediu que esclarecesse que ela se tornou um animago em decorrência de

suas extensas pesquisas em todos os campos da Transfiguração, e que jamais usou sua habilidade de se transformar em gato com nenhum objetívo sub-reptício, à exceção das atividades legais em favor da Ordem da Fênix, nas quais o sigilo e o disfarce eram imperativos. JKR]

É duvidoso que algum dia tenha havido uma lavadeira capaz de

se transformar em coelha; entretanto, alguns historiadores da magia têm sugerido que Beedle criou Babbitty à feição da famosa francesa Lisette de Lapin, que foi condenada por feitiçaria em Paris, em 1422. Para assombro dos seus carcereiros trouxas, que mais tarde foram julgados por ajudar a bruxa a escapar, Lisette sumiu de sua cela prisional na véspera de sua execução. Embora nunca tenha se provado que Lisette fosse um animago que

conseguiu se espremer entre as grades da janela de sua cela,

subsequentemente, um grande coelho branco foi avistado

atravessando o Canal da Mancha em um caldeirão equipado com

uma vela, e um coelho semelhante tornou-se mais tarde

conselheiro de confiança na corte do rei Henrique VI. **3**

O rei na história de Beedle é um trouxa imbecil que, ao mesmo tempo, cobiça e teme a magia. Ele acredita que pode se tornar bruxo simplesmente aprendendo encantamentos e agitando uma

varinha. **4**

3 Isto pode ter contribuído para a reputação de instabilidade mental daquele rei trouxa.

4 Conforme demonstraram as intensas pesquisas do

Departamento de Mistérios que remontam a 1672, bruxos

nascem feitos. Ainda que a habilidade fortuita de realizar mágicas ocorra em pessoas que aparentemente descendem de não-bruxos

(e embora vários estudos sugiram que terá sempre havido alguém bruxo em sua árvore genealógica), trouxas não podem realizar

mágicas. O melhor — ou pior — a que poderiam aspirar são eleitos aleatórios e não controláveis gerados por uma varinha mágica

genuína, que, sendo um instrumento supostamente canalizador

de magia, retém, por vezes, um poder residual que pode

descarregar em um dado momento — veja também as notas

sobre a tradição das varinhas em "O conto dos três irmãos".

Ignora inteiramente a verdadeira natureza da magia e dos

bruxos, e, portanto, engole as absurdas sugestões tanto do

charlatão quanto de Babbitty. Tal atitude é típica de um

determinado tipo de mentes trouxas: em sua ignorância, estão

prontas a aceitar toda sorte de impossibilidades a respeito da magia, inclusive as hipóteses de que Babbitty se transforme em uma árvore que ainda pode pensar e falar. (Neste ponto, vale

ainda notar que, embora Beedle use o artifício de fazer uma

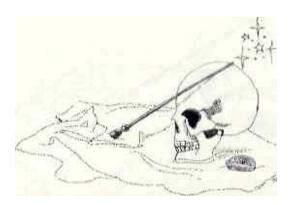
árvore falar para ressaltar como o rei trouxa é ignorante, ele nos pede também para acreditar que Babbitty é capaz de falar

enquanto coelho. Isto poderia ser uma licença poética, mas acho mais provável que Beedle tenha ouvido falar de animagos sem

jamais ter conhecido um, porque esta é a única liberdade que ele toma em relação às leis da magia em sua história. Os animagos não retêm o poder da fala humana enquanto sob a forma animal, embora conservem a capacidade humana de raciocinar. Isto,

como qualquer escolar sabe, é a diferença fundamental entre ser animago e se transfigurar em animal. Neste último caso, a pessoa se transforma inteiramente em um animal e, em consequência,

desconhece a magia, perde a consciência de ter sido bruxo, e

precisaria de alguém que o transfigurasse em sua forma original.) Creio ser possível que, ao preferir que sua heroína finja se

transformar em árvore e ameace o rei com a dor de uma

machadada no próprio corpo, Beedle tenha se inspirado em

tradições e práticas reais da magia. As árvores com madeira

apropriada para varinhas sempre foram ferozmente protegidas por seus fabricantes, que cuidam delas, e quando alguém as corta

para roubá-las, se arrisca a expor-se não apenas à malícia dos tronquilhos**5** que normalmente fazem seus ninhos ali, como também a efeitos adversos dos Feitiços de Proteção com que seus donos as cercaram. Na época de Beedle, a Maldição Cruciatus

ainda não tinha sido declarada ilegal pelo Ministério da Magia, **6** e poderia ter produzido a exata sensação que Babbitty usa para

ameaçar o rei.

5 Para a descrição completa desses pequenos e curiosos

habirantes das árvores, veja Animais fantásticos & onde habitam.

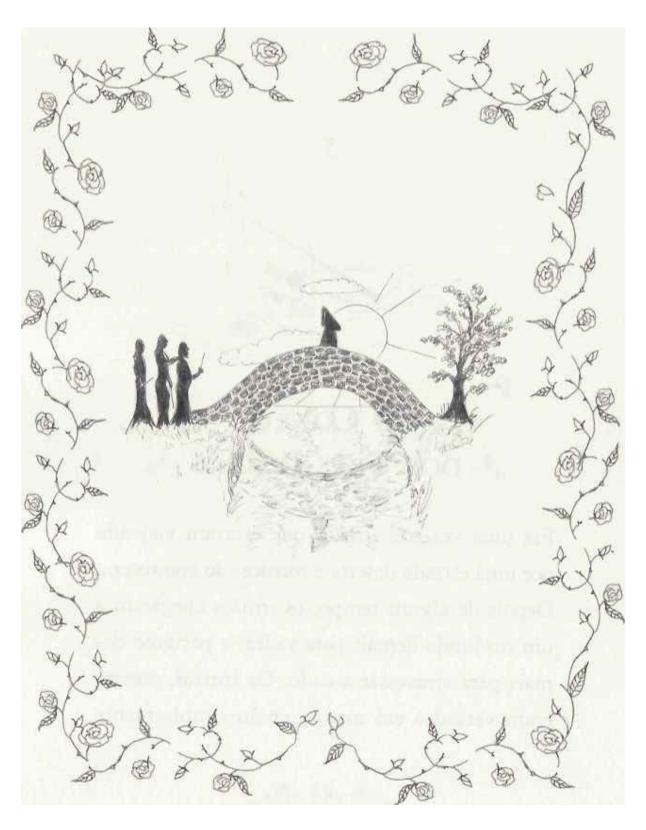
6 As Maldições Cruciatus, Imperius e Avada Kedavra foram

classificadas como Imperdoáveis em 1717, com as mais rigorosas penalidades associadas ao seu uso.

5

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada

deserta e tortuosa ao anoitecer... Depois de algum tempo, os

irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso

demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram

aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na

metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um

vulto encapuzado.

E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três

vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua

magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido

inteligente o bastante para lhe escapar.

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre

vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um

bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu

humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levara. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do

rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais

sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da

Invisibilidade.

Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem e foi o que eles fizeram, comentando,

assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os

presentes da Morte.

No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das

Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu.

Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa

varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o

tornava invencível.

Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do

irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho.

Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele.

Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão,

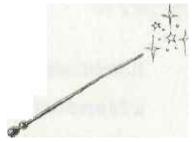
enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder

verdadeiramente se unir a ela.

Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço

despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram

desta vida.

Comentários de Alvo Dumbledore sobre

"O conto dos três irmãos"

Quando eu era criança essa história me causou uma profunda

impressão. Ouvi-a primeiramente contada por minha mãe, e logo tornou-se o conto que eu pedia com mais frequência na hora de dormir. Isto sempre provocava discussões com o meu irmão mais novo, Aberforth, cuja história favorita era "Bodalhão, o Bode Resmungão".

A moral de "O conto dos três irmãos" não poderia ser mais clara: os esforços humanos para evadir ou superar a morte estão

sempre fadados ao desapontamento. O terceiro irmão da história ("o mais humilde e também o mais sábio") é o único que compreende isso, pois, tendo escapado uma vez da morte, por um triz, o melhor que poderia esperar era adiar o próximo encontro o máximo possível. O mais moço sabe que zombar da Morte -

envolver-se em violência, como o primeiro irmão, ou ocupar-se da sombria arte da necromancia (1), como o segundo irmão —

significa medir forças com um inimigo ardiloso que não pode

perder.

A ironia é que se formou uma curiosa lenda em torno dessa

história, que contradiz exatamente a mensagem original. A lenda argumenta que os prêmios que a Morte dá aos irmãos — uma

varinha imbatível, uma pedra capaz de ressuscitar os mortos e uma Capa da Invisibilidade imperecível — são

objetos verdadeiros que existem no mundo real. E vai além: se alguém vem a se

tornar o legítimo possuidor dos três, torna-se então "senhor da Morte", o que tem sido comumente entendido que será

invulnerável, e mesmo imortal.

1 [Necromancia é a magia negra que ressuscita os mortos. É um ramo da magia que nunca teve sucesso, como a nossa história

deixa bem claro. JKR]

Podemos rir com uma certa tristeza do que isto nos diz da

natureza humana. A interpretação mais caridosa seria: "A esperança brota eternamente. **2** Ainda que, segundo Beedle, dois desses três objetos sejam extremamente perigosos, e sua clara mensagem é que, no fim, a Morte virá nos buscar, uma minoria na comunidade bruxa insiste em acreditar que Beedle estava lhes

enviando uma mensagem cifrada, dizendo exatamente o inverso

do que escreveu à tinta, mensagem esta que somente eles são

suficientemente inteligentes para entender.

2 [A citação demonstra que Alvo Dumbledote era não só

excepcionalmente instruído em termos de bruxaria, como também familiarizado com os escritos do poeta trouxa Alexander Pope.

JKR]

Tal teoria (ou talvez "desesperada esperança" seja o termo mais preciso) é respaldada por pouquíssimas provas reais. É verdade que a Capa da Invisibilidade, embora rara, existe em nosso

mundo; contudo, a história deixa claro que a Capa da Morte é de uma durabilidade ímpar. **3** Durante os muitos séculos que medeiam a época de Beedle e a nossa, ninguém jamais afirmou ter

encontrado a Capa da Morte. A explicação dos verdadeiros crentes é a seguinte: ou os descendentes do terceiro irmão desconhecem a origem da capa, ou a conhecem e estão resolvidos a comprovar a sabedoria do seu antepassado, não alardeando esse fato.

3 [As Capas da Invisibilidade não são, em geral, infalíveis. Podem rasgar ou se tornar opacas com a idade, ou os feitiços nela

lançados podem enfraquecer, ou ser anulados por Feitiços de

Revelação. É por isso que os bruxos habitualmente recorrem, no primeiro caso, aos Feitiços da Desilusão para se camuflarem ou se ocultarem. Alvo Dumbledore era conhecido por sua capacidade de executar um Feitiço da Desilusão tão poderoso que se tornava

invisível sem recorrer à capa. JKR]

Muito naturalmente, a pedra tampouco foi encontrada. Observei anteriormente, ao comentar "Babbitty, a Coelha, e seu Toco Gargalhante", que continuamos incapazes de ressuscitar os mortos, e temos todas as razões para supor que isto jamais acontecerá. Vis substituições foram naturalmente ensaiadas pelos bruxos das

trevas criadores dos Inferi, **4** que são apenas fantoches, e não seres humanos de fato ressuscitados. Acresce que a história de Beedle é muito explícita quanto ao fato de que o amor perdido do segundo irmão nunca ressurgiu realmente dos mortos. Foi enviado pela

Morte para atrair o segundo irmão às suas garras e, portanto, manteve-se fria, distante, tantalizantemente presente e

ausente. **5**

4 [Inferi são cadáveres reanimados por magia negra. JKR]

5 Muitos críticos acreditam que Beedle se inspirou na Pedra

Filosofal, elemento essencial do Elixir da Vida que induz a

imortalidade, quando criou essa pedra capaz de ressuscitar os mortos.

Resta-nos, então, a varinha, e aqui os que se obstinam em

acreditar na mensagem secreta de Beedle têm pelo menos

indícios históricos para fundamentar suas delirantes suposições.

Seja porque gostem de se vangloriar ou intimidar seus possíveis adversários, seja porque realmente acreditam no que dizem — o fato é que os bruxos há séculos afirmam possuir uma varinha

mais poderosa do que qualquer outra, até mesmo uma varinha

"invencível", a Varinha das Varinhas. Alguns chegaram ao exagero de alegar que sua varinha é feita de sabugueiro,

como a que a Morte supostamente fabricou. Tais objetos receberam nomes,

entre os quais "a Varinha do Destino" e "a Varinha da Morte".

Não admira que velhas superstições tenham se desenvolvido em

torno de nossas varinhas, que são, afinal, nossas ferramentas e armas mágicas mais importantes. Algumas (e, portanto, seus

donos) são supostamente incompatíveis:

Se a varinha dele é carvalho, e a dela, azevinho

Casarem-se os dois será um descaminho

ou indicam falhas no caráter:

Castanheiro preguiçoso, sorveira falastrona

freixo queixo-duro, aveleira resmungona

E, com efeito, nessa categoria de máximas sem comprovação

encontramos:

Varinha de sabugueiro, azar o ano inteiro.

Seja porque a Morte fabrica a varinha ficcional com sabugueiro na história de Beedle, seja porque os bruxos sedentos de poder ou violentos têm persistentemente afirmado que suas varinhas são feitas de sabugueiro, esta madeira não goza da preferência dos fabricantes de varinhas.

A primeira alusão bem documentada a uma varinha de

sabugueiro dotada de poderes particularmente fortes e perigosos foi àquela que pertenceu a Emerico, cognominado "o Mal", um bruxo de vida curta, mas excepcionalmente agressivo, que

aterrorizou o sul da Inglaterra no início da Idade Média. Morreu como tinha vivido, em um encarniçado duelo com outro bruxo

conhecido por Egberto. Ignora-se que fim levou Egberto, embora a expectativa de vida dos duelistas medievais fosse geralmente baixa. Nos tempos anteriores à criação de um Ministério da

Magia para regular o uso da magia negra, os duelos eram

geralmente fatais.

Um século depois, outro personagem desagradável, de nome

Godelot, expandiu o estudo da magia negra registrando uma

coleção de feitiços perigosos, com o auxílio de uma varinha

descrita como "mia amijga mas maluada e sottill, cum coorpo de sabugueiro, que conhece camijnhos de magia mui maligna".

(Magia mui maligna se tornou o título da obra-prima de Godelot.) Como podemos observar, Godelot considera sua varinha uma

colaboradora, quase uma instrutora. Aqueles que estão

familiarizados com as tradições das varinhas**6** concordarão que elas realmente absorvem o conhecimento de quem as usa,

embora tal processo seja imprevisível e imperfeito; é preciso levar em consideração todo tipo de fatores adicionais, tais como as relações entre a varinha e seu usuário, para compreender a

eficiência do seu desempenho com determinado indivíduo.

6 Como eu.

Ainda assim, é provável que uma varinha hipotética que tenha

passado pelas mãos de muitos bruxos das trevas teria, no

mínimo, uma marcada afinidade pelos tipos de magia mais

perigosos que há.

A maioria dos bruxos prefere uma varinha que os tenha

"escolhido" a qualquer outra de segunda mão, precisamente porque esta última terá adquirido hábitos do seu dono anterior que podem não ser compatíveis com o estilo de magia do novo

dono. A prática comum de enterrar (ou queimar) a varinha com o seu dono, quando ele morre, também contribui para impedir que uma varinha aprenda com numerosos mestres. Os que acreditam

na varinha de sabugueiro, no entanto, sustentam que, dada a

maneira com que ela sempre transferiu sua lealdade entre

donos — o próximo superando o anterior, em geral matando-o —

a varinha de sabugueiro nunca foi destruída nem enterrada, antes sobreviveu para acumular sabedoria, força e poder muito além do normal.

Sabe-se que Godelot pereceu em seu próprio porão, onde foi

trancafiado pelo filho demente, Hereward. É de se supor que o filho tenha se apossado da varinha do pai, ou este último teria conseguido fugir, mas que destino Hereward terá dado à varinha não sabemos ao certo. Sabemos, sim, que uma varinha chamada

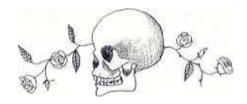
"Varinha de Eldrun" por seu dono, Barnabás Deverill, surgiu no início do século XVIII, e que este bruxo a usou para talhar sua reputação de guerreiro temível, até seu reino de terror ser

encerrado pelo igualmente notório Loxias, que lhe tomou a

varinha e a rebatizou de "a Varinha da Morte", usando-a para destruir qualquer um que o desagradasse. É difícil acompanhar a trajetória subsequente da varinha de Loxias, pois muitos alegam tê-lo matado, inclusive a própria mãe.

O que deve ocorrer a qualquer bruxo inteligente que estude a

pretensa história da Varinha das Varinhas é que todo homem que afirme ter sido seu dono**7** insistiu em sua "invencibilidade", quando os fatos que se conhecem sobre sua passagem pelas mãos de

muitos donos demonstram não só que ela foi vencida centenas de

vezes, como atraiu tanta confusão quanto Bodalhão, o Bode

Resmungão, atraía moscas. Em última análise, a busca pela

Varinha das Varinhas corrobora uma observação que tive

oportunidade de fazer muitas vezes no curso de minha longa

vida: que os humanos têm um pendor para escolher precisamente as coisas que lhes fazem mal.

7 Nenhuma bruxa jamais afirmou ter sido dona da Varinha das

Varinhas. Extraiam disso a conclusão que quiserem.

Qual de nós, porém, teria revelado a sabedoria do terceiro irmão, se lhe fosse oferecido escolher o melhor presente da Morte?

Bruxos e trouxas são igualmente imbuídos de sede de poder;

quantos teriam resistido à "Varinha do Destino"? Que ser humano, tendo perdido um ente amado, poderia resistir à

tentação da Pedra da Ressurreição? Mesmo eu, Alvo Dumbledore, acharia mais fácil recusar a Capa da Invisibilidade; o que prova apenas que, esperto como sou, continuo sendo um bobalhão tão

grande quanto os demais.

Children’s

HIGH LEVEL GROUP

saúde, educação, assistência

Caro leitor,

Muito obrigada por ter adquirido este livro singular e especial.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para explicar de que modo o seu apoio irá nos ajudar a fazer uma real diferença na vida de muitas crianças vulneráveis.

Mais de um milhão de crianças vivem em grandes instituições

residenciais por toda a Europa. Ao contrário do que comumente se pensa, a maioria não é órfã, mas está sob a guarda do Estado porque suas famílias são pobres, doentes ou pertencem a

alguma minoria étnica. Muitas dessas crianças têm deficiências físicas e psíquicas, mas é frequente permanecerem sem

atendimento em termos de saúde ou educação. Em alguns casos,

não recebem os cuidados mais básicos, como alimentação

adequada em qualidade ou quantidade. Quase sempre são

privadas de contato e estímulo humano ou emocional.

Para mudar a vida de crianças que vivem em instituições ou

marginalizadas, e tentar assegurar que nenhuma geração futura passe pelo mesmo sofrimento, J. K. Rowling e eu criamos em

2005 a organização beneficente Children's High Level Group

(CHLG). Queríamos que essas crianças abandonadas tivessem

uma voz para que suas histórias fossem ouvidas.

O CHLG tem por objetivo encerrar o uso de grandes instituições e promover caminhos que permitam às crianças viverem em família

— a própria, a adotiva ou pais adotivos nacionais — ou em casas para pequenos grupos.

A campanha ajuda aproximadamente duzentas e cinquenta mil

crianças por ano. Financiamos uma linha independente de apoio à criança que provê anualmente sustento e informação a centenas de milhares de crianças. Dirigimos também atividades educativas, inclusive o projeto "Ação Comunitária" ("Community Action"), em que jovens da rede pública de ensino trabalham em instituições com crianças portadoras de necessidades especiais; e o projeto

"Edelweiss", que oferece aos jovens marginalizados e internos em instituições oportunidades para expressarem sua criatividade e seu talento. Na Romênia, o CHLG criou

um conselho nacional para representar os direitos das crianças, que lhes permite falar sobre suas próprias experiências.

Mas a nossa capacidade de ajudar não tem que ir além.

Precisamos de fundos para ampliar e replicar o nosso trabalho em outros países e ajudar um número ainda maior de crianças tão

desesperadamente necessitadas.

O CHLG tem um caráter único entre as organizações não-

governamentais do setor por seu trabalho com instituições

governamentais e locais, a sociedade civil, as organizações

profissionais e voluntárias, bem como prestadores de serviço em campo.

O CHLG tem por objetivo implementar plenamente a convenção

das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança em toda a Europa e no mundo inteiro. Em apenas dois anos, colaboramos com

governos para desenvolver estratégias que evitem o abandono de bebês em hospitais e aperfeiçoem o atendimento a crianças com deficiências físicas e mentais, além de preparar um manual com as melhores diretrizes em desinstitucionalização.

Somos verdadeiramente gratos por seu apoio ao comprar este

livro. Estes fundos vitais possibilitarão ao CHLG dar continuidade a suas atividades, oferecendo a outras centenas de milhares de crianças a chance de ter uma vida decente e saudável.

Para nos conhecer melhor e saber como participar do nosso

esforço, visite: www.chlg.org

Muito obrigada,

Baronesa Nicholson of Winterbourne,

Membro do Parlamento Europeu

Co-Presidente do CHLG